

Literatura Entre os Jovens? Será? Como?

Literature Among young People? Will be? As?

Imara Pizzato Quadros^a; Degmar Francisco dos Anjos^a; Raquel Martins Fernandes Mota^a;
Cláudia Lucia Landgraf Valério^a; Epaminondas de Matos Magalhães^{*a}

^aInstituto Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT.
^{*}E-mail: epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br.

Resumo

O presente texto busca, minimamente, discutir e problematizar os gostos literários do público adolescente, passando pela dimensão dos estudos culturais e da cultura de massa, bem como discutir em que medida a leitura se processa dentro desse universo e que postura a escola precisa ter frente a isso. Somos sabedores das falácias da leitura na escola e que tal problemática perpassa as relações de interesse de leitura. É preciso compreender o que os horizontes de expectativas, para que diante desse a escola e o formador de leitor possa trabalhar. O artigo não se propõe a anular o trabalho com os cânones, mas apontar que a via de acesso para o trabalho com a leitura entre os jovens passa pela literatura de massa, portanto, há que se considerar tais discussões no âmbito escolar.

Palavras-chave: Leitura. Cultura de Massa. Gosto

Abstract

This study minimally discusses the literary tastes of teenage audience, through the dimension of cultural studies and mass culture, as well as the extent to which reading takes place in this universe and the school actions on it. We are mindful of the fallacies reading at school, which pervades the interest relationships. The horizons of expectations should be understood so that the reader maker can work. The article is not intended to cancel the job, but point out that the tools for reading activity among young people, including discussions at schools.

Keywords: Reading. Mass Culture. Like.

1 Introdução

A leitura nos desloca, nos move, assim como move nossas verdades. Na obra Alice no país das maravilhas, de Carrol (1985) a personagem Alice indaga o coelho sobre quanto tempo dura o eterno e a resposta do coelho é categórica: “às vezes dura menos que um segundo”. Tal resposta nos serve para pensar que a leitura nos transforma, nos desloca, pois as nossas experiências pelas leituras vão se alterando a cada página lida.

Ler é viajar, ultrapassar fronteiras, assim como a personagem Lúcia, da obra As crônicas de Nárnia, de Lewis (2009), ao se deparar com um guarda-roupa, quando ela e seus irmãos estão explorando a mansão do professor, depois de serem encaminhados a casa de um professor, em meio a segunda guerra mundial, para que não sofressem os efeitos da guerra que assolava Londres. Ao entrarem em um quarto, os quatro: Lúcia, Suzana, Edmundo e Pedro, veem o imenso guarda-roupa, contudo, para Suzana, Edmundo e Pedro, ali nada havia a ser explorado, somente Lúcia, a menor de todos, decide ficar e iniciar sua exploração sozinha.

Levando em consideração o papel fundamental da leitura em nossas vidas, somos indagados sobre o que os jovens estão lendo? Por que a leitura é tão rarefeita no espaço escolar? Em que medida podemos efetivar a leitura na escola? A partir

dessas inquietações é que fomos levados a refletir e propor algumas medidas metodológicas para o trabalho com o texto literário.

2 Desenvolvimento

Começamos nossas discussões a partir do título escolhido Literatura entre os jovens? Será? Como? que surgiu para causar uma inquietação e provocação acerca do universo adolescente e seus gostos. E como inquietação inicial: será que o universo adolescente, que encontramos hoje na escola, se diverge em muito do universo vivenciado pelos professores e pais? Os novos contextos sócio-histórico-culturais fazem surgir novas exigências, novos paradigmas, novos desejos? Segundo Corso (2000, p.120-121).

O que hoje vivemos são conflitos que poderíamos classificar como do segundo tipo, o novo dentro do velho esquema, conflitos de aparências. Não há uma real disputa de valores, ou então está muito localizada. [...] Portanto, não é a distância entre as gerações que pode trazer a agressão que temos visto se disseminar entre pais e filhos, penso que é justamente o contrário. As famílias modernas tendem a viver um ‘unitempo’, todos ‘são’ da mesma geração, gostam das mesmas músicas, as roupas só se distinguem pelo tamanho, pais e filhos brigam pelo computador ou por carro.

Assim, discutir os gostos literários do público adolescente requer, antes, pensarmos algumas questões que envolvem o ensino de literatura e a leitura literária na escola.

É importante mencionar, e aqui recorremos a Cunha (2003), Zilberman (1987) e Aguiar (1987; 2007), que para se formar leitores, para se constituir o hábito de leitura ou para se motivar o prazer diante da leitura do texto literário, o professor ou os promotores da leitura, precisam, antes, serem leitores formados, terem o hábito da leitura e serem motivados. É caótico o quadro que encontramos nas escolas, em relação a formação de leitores e a leitura literária e, mais caótico ainda, é admitirmos que temos promotores da leitura que não são leitores, uso aqui o termo leitura, não dentro da perspectiva de decodificação, mas dentro das relações de sentidos que o texto, como obra aberta¹, permite.

Garrido (2000, p.38) afirma que “después de haberla alfabetizado es preciso formalala como lector”, assim, o ato de ler compreende muito mais do que a simples decodificação dos símbolos gráficos impressos no papel e formar leitores é uma atividade que exige esforços múltiplos dos promotores e professores, sendo condição *sine qua non* que ser “maestro debería ser sinónimo de ser lector” (GARRIDO, 2000, p.62).

Aguiar (2007) afirma que a relação entre escola e leitura não é bem sucedida e, como consequência, temos os resultados do IDEB- Índice do Desenvolvimento da Educação Básica que demonstram esta situação, colocando o Brasil como um país que ainda não atingiu a meta (nota 6,0- nas proficiências de leitura) de nação desenvolvida.

Tomando a falta de leitura dos alunos do ensino fundamental, principalmente, lançaremos, aqui, algumas reflexões que podem problematizar a situação e, quiçá, gerar uma guisa de solução. Para tanto, lançamos as seguintes inquietações:

1. Por que o aluno não lê os textos fornecidos na escola, mas participa de atos de leitura fora dela, nas redes sociais, nas conversas de MSN?
2. O que selecionar para o adolescente do ensino fundamental?
3. Quais são os gostos literários desse novo público infantil e juvenil?
4. O que fazer diante da situação entre o que a escola propõe como diretriz e o que o aluno pressupõe como importante?

Tentaremos, em certa medida, responder as inquietações lançadas, levando em consideração o novo cenário que vivemos na escola: as mídias; a inserção dos aspectos culturais, entre outros elementos.

Regina Zilberman (1986; 1987) aponta que a grande problemática da escola, no que se refere a leitura literária, está diretamente relacionada ao fato de não se levar em consideração, nas escolhas do que trabalhar com o aluno, os seus horizontes de expectativas, entendido pela autora, como as expectativas do aluno diante da leitura, do texto, que decorrerá antes mesmo da realização da leitura, através dos interesses, faixa etária e universo em que se encontra inserido o aluno.

Para o aluno, a leitura na escola é algo, na sua grande

maioria, enfadonha, pois a leitura se realiza dentro de contextos de atividades pedagógicas e os títulos ou textos propostos para a leitura não fazem parte dos gostos do mundo adolescente, além de serem realizadas por um professor apático e desinteressado pela leitura.

Para Lajolo (1987) vale considerar que, em situações escolares, o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo. E, no entanto, texto nenhum nasceu para ser objeto de estudo, de dissecação, de análise. Um texto costuma ser produto do trabalho individual de seu autor, e encontra sua função na leitura igualmente individual de um leitor.

A escola, ainda, desconsidera o fato de que nos ambientes externos a ela, ou na própria biblioteca, a leitura se realiza. Nada mais fácil de comprovar do que a permanência de jovens em *Lan Houses* ou em frente a computadores em suas casas. A leitura pode acontecer fora dos espaços formais. Assim, a primeira ressignificação a ser feita é perceber que existem, como nos afirma Chartier (2001), novos suportes para leitura (*MSN, Facebook, Orkut* etc.), e que a leitura se manifesta nesses novos espaços usuais pelo aluno/leitor.

Neste sentido, cumpre-nos destacar que a leitura realizada pelo aluno fora de sala de aula, através dos títulos de literatura estrangeira, mesmo não fazendo parte do currículo escolar, tem grande aceitabilidade pelo público adolescente no Brasil. Segundo Padrino (2005, p.63):

[...] o intereses de los jóvenes actuales: relacione familiares más o menos conflictivas, descubrimiento del amor y de las relaciones sexuales, problemas con la droga, fracasos escolares, inserción en la vida social.

Padrino (2005, p.63) adverte ainda que:

Em resultado de esa búsqueda, y a veces forzada, adaptación temática a lo que se piensa puede gustar a los jóvenes es muchas veces el predominio de situaciones y comportamientos tópicos en una parte considerable de estas creaciones dedicadas de intención a la juventude.

Ficamos, enquanto professores, no final do século XX e início do século XXI, temerosos em relação ao livro e a leitura e aos novos leitores que adentram o universo da escola, justamente, por vermos essa invasão de leituras que consideramos como não literatura, a rechaçada literatura de massa.

Várias vezes, no decorrer do último século, previu-se a morte dos livros e do hábito de ler. O avanço do cinema, da televisão, dos videogames, da internet, tudo isso iria tornar a leitura obsoleta. No Brasil da virada do século XX para o XXI o vaticínio até parecia razoável: o sistema de ensino em franco declínio e sua tradição de fracasso na missão de formar leitores, o pouco apreço dado à instrução como valor social fundamental e até dados muito práticos, como a falta e a pobreza de bibliotecas públicas e o alto preço dos exemplares impressos aqui, conspiravam [conspiram, ainda] para que o contingente de brasileiros dados aos livros minguassem de maneira irremediável. Contra todas as expectativas, porém, vem surgindo uma nova e robusta geração

1 Conceito proposto por Umberto Eco, ainda na década de 60.

de leitores no país movida, sim, por sucessos globais como as séries ‘Harry Potter’, ‘Crepúsculo’ e ‘Percy Jackson’ (MEIER, 2011, p.100).

A literatura de massa tem sido a iniciadora dos jovens a leitura. No contexto extraescolar, os adolescentes fazem uso das leituras Sabrina e Guia Astral, pelas adolescentes e livros de aventuras pelos adolescentes Percy Jackson, As crônicas de Nárnia, pois dentro do universo escolar tais leituras são execradas.

Não só são execradas tais leituras, como os gostos cinematográficos e das telesséries, pois a maioria dos docentes quer que seus alunos assistam filmes e séries com teor histórico ou cultural e desconsideram como gostos as telesséries Malhação, Hanna Montana ou ICarly. Ao fazer isso, desconsidera-se que os alunos compreendam a constituição dessas personagens e que são capazes de fazer suas próprias escolhas.

Outro ledão engano seria dizer que os jovens não leem, pois estes leem, mas leem o que lhes agrada, o que pode não corresponder as expectativas dos programas oficiais da leitura na escola. Há que se considerar que o adolescente tem direito as suas escolhas, quando ler e o que ler. Olharmos para a literatura na escola, hoje, é olhar que pressupõe a influência do desenvolvimento tecnológico, das imposições da mídia e da cultura da velocidade.

Pergunte a um aluno se ele não conhece a saga Crepúsculo? Ou a saga Harry Potter? A resposta, obviamente, será que sim. Portanto, a questão não é mais se os jovens leem ou não, mas a literatura de massa deve ou não ser aceita? Devemos incorporá-las, como iniciação a leitura literária? O que e como selecionar os textos para o público teen?

Os best sellers O pequeno príncipe, O mundo de Sofia, Crepúsculo, Marley e eu, Diário de um banana, A cabana, coleção Harry Potter, As crônicas de Nárnia, O código da Vinci são compreendidos pelos alunos como de fácil leitura, mesmo alguns ultrapassando a margem de 250 páginas, leitura instigante e enredo interessante. Para Sodré (1985) devemos levar em consideração que tais juízos atribuídos a essas obras, de certa forma, são elaborados pelo próprio Mercado editorial, através das inúmeras campanhas de vendagem.

A leitura de massa vem sendo feita pelos jovens, sem qualquer sugestão da escola, feita de forma independente, vem ocupando cada vez mais as estantes dos adolescentes. É inegável que esta literatura vem sendo a porta de entrada dos leitores ao universo da leitura. Mafra (2003) afirma que mesmo que solidária, a literatura de massa vem sendo o ponto de partida dos jovens a leitura.

Os jovens, diante desse novo modelo literário, comentam sobre os romances lidos, seus personagens, os que mais gostaram, o que sentiram ao ver o romance lido nas telas do cinema. Contudo, devemos ter em mente que a função da escola não diminuiu diante das escolhas dos jovens, pois cabe a escola e ao professor proceder as orientações necessárias entre o leitor e o livro.

A exemplo, o adolescente leitor da obra *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, que tem como protagonista do romance, Bella, adolescente de dezesseis anos que chega a Forks e ganha de presente uma camionete de seu pai para ir a escola, sem a orientação devida do professor, erroneamente, irá se identificar com a personagem pela sua idade, mas não levará em consideração que no Brasil adolescentes não tem permissão para dirigir e nem podem tirar carteira aos dezesseis anos, portanto, haverá uma falsa identificação da personagem com o universo do aluno e que os alunos no Brasil não vão a escola de ensino médio dirigindo seus carros. Neste sentido, a escola não diminui sua força e a necessidade de formação do leitor crítico diante da literatura de massa.

Segundo Abreu (2006), o que torna um texto literário não são suas características internas, mas o espaço que lhe é destinado pela crítica, e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. Ou seja, o que é ou não literatura não é feito mais pelos elementos internos da obra, mas pela crítica e pelas instâncias legitimadoras e a escola que produz ou reproduz o discurso dessas instâncias.

E as instâncias legitimadoras entendem que a literatura deve nos fornecer certo conhecimento e, portanto, os textos ancorados pelo Mercado editorial não fazem parte desse universo, criando, assim, um muro entre o cânone e a literatura de massa. Criadas, segunda a crítica, sob certas fórmulas para a vendagem, “dando o que eles pedem”, acalmado os sentimentos e não chocando-os (ZILBERMAN, 1987)

Segundo Aguiar (1987) essas obras não ampliam os horizontes de expectativas, pois são pré-fabricadas para serem aceitas, daí a necessidade da formação do leitor e do papel do professor. Por outro lado, afirmar que as obras com teor de complexidade conseguem alargar/ampliar os horizontes de expectativas pode ser perigoso. O professor precisa tomar cuidado para que suas experiências de leitor maduro não encarem, no adolescente essa mesma experiência e que excrete do processamento da leitura do público *teen* esse universo de leitura. Deve-se considerar que as obras de massa contribuem para a formação do hábito da leitura.

Cosson (2006, p.47) afirma que a literatura, na escola, não pode ficar reduzida ao cânone:

[...] ela é constituída por um conjunto de sistemas. Trata-se, pois, de um polissistema, que compreende as várias manifestações literárias. Esses sistemas, em conjunto com o sistema canônico, precisam ser contemplados na escola, assim como as ligações que mantêm com outras artes e saberes. É essa a visão mais ampla da literatura que deve guiar o professor na seleção das obras.

A escola acaba tendo como foco o conhecimento sobre a literatura e não seu objeto, ou seja, a escolar precisa trabalhar com o texto e não a exposição sobre ele, a leitura deve ser o primeiro passo metodológico, depois dela, todas as demais atividades serão inerentes.

[...] Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano (TODOROV, 2009, p.92).

Os alunos, mesmo com um Best Seller nas mãos, se perguntados se leem, eles dizem que não, porque o discurso sobre a literatura de massa, rechaçada pela escola, cria um muro e os alunos reproduzem esse discurso. O que estão lendo não faz parte do programa de leitura da escola, portanto, não se consideram leitores. Assim, leitura de fato seriam as obras pré- aprovadas pelos professores como objeto de estudo para prova ou trabalho escolar (LEAHY- DIOS, 2005). E, os gostos dos alunos, neste sentido, não são considerados.

É importante destacarmos que inclusive a mídia de massa tem se preocupado em alargar a leitura, em problematizá-la. O filme *Monstros S.A* produzido pela Disney/Pixar e lançado em 2002, demonstra que os monstros só existem através dos gritos de terror e que se isso não ocorrer seu universo estaria ameaçado, depois trocado para as gargalhadas. Parafraseando esse filme, isso demonstra que a leitura deve ser nutrida, deve ser efetivada. O leitor precisa fazer uso da leitura, para que essa continue existindo, precisa efetivá-la, precisa vivê-la, uma vez que ela é nutriente necessário à sobrevivência humana. Algo semelhante ocorre em *Peter Pan*, quando este solicita que todos batam palmas se acreditam em fadas, para que Sininho, a fadinha que está doente, se recupere. Esses textos evidenciam que a participação do leitor é importantíssima, para a manutenção da leitura.

2.1 Diante desse fogo cruzado: o que e como selecionar?

O professor, ao entrar numa sala de aula, rodeada por adolescente, se questiona, logo de início, o que selecionar para esse público? Quais escolhas literárias devem ser feitas?

Segundo Garrido (2000, p.70-71) o professor antes precisa refletir sobre os seguintes pontos:

- Modelo de lector y conocedor de la literatura;
- Incitador al encuentro personal del alumno con la literatura;
- Planificador de unos objetivos formativos e instructivos em la relación de los jóvenes com la literatura;
- Que integre esa labor em una enseñanza continuada y efectiva de la lectura;
- Que desarrolle el tratamiento de la lectura como ejercicio de libertad y de reflexión crítica, no como uma simple ‘mediación’ ou ‘animación’, un ‘trabajo’ más com la literatura;
- Poseer un persona conocimiento de las creaciones al alcance de sus alumnos, y no depender em exceso de las orientaciones editoriales, cargadas de buena intención, pero de un indudable trasfondo económico.

É preciso que o professor compreenda, antes de qualquer coisa, que um livro para um jovem é lido, quando este lhe provoca prazer e a ideia de prazer entendida aqui é a de que a leitura recreativa, segundo Bordini e Aguiar (1989, p.86), “não visa a aquisição imediata de conhecimento, mas ela é necessariamente pedagógica”.

Assim, seguindo os pressupostos de Bordini e Aguiar (1989) para seleção de textos literários é necessário que o professor verifique a qualidade do material, observando:

1. Assunto: sabe-se que os assuntos dos textos para adolescente são variados e envolvem amor, traição, morte, vingança, descoberta sexual etc. Verifica-se, portanto, que tais assuntos não se diferem dos textos destinados ao mundo adulto. Mas, o importante, é que a trajetória do herói permita, ao leitor, um amadurecimento, um conhecimento, uma descoberta e não a aceitação de normas e padrões, simplesmente;
2. Estrutura da história: a história precisa iniciar com uma situação de carência ou conflito, pois a luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, contudo se a pessoa não se intimidar e se defrontar de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIN, 1978);
3. Estilo: o texto deve ter linguagem adequada ao universo cognitivo do adolescente;
4. Forma: textos lineares;
5. Aspectos externos: não menos importantes, pois para o público *teen*, isso faz parte do universo de recepção, portanto, capa, tipo de letra devem estar de acordo com esse universo, ou seja, chamar-lhe a atenção.

Assim, cabe ao professor ter um olhar atento para que as escolhas feitas para o público *teen*, que habita o universo do ensino fundamental, estejam de acordo com esse universo e, que de certa forma, levem em consideração os horizontes de expectativas.

Neste sentido, os textos infantis e juvenis são em grande medida propícios para este público, evitando-se com isso a adaptação de obras, para adultos, que muitas vezes, não integram, ainda, os gostos literários desse público.

3 Conclusão

Não podemos negar que o novo público que habita a escola, tem gostos diferentes dos que se apresentavam a ela no início e meados do século XX, daí a necessidade de reformulação de práticas, por parte da escola. O interesse desse novo público vai muito além de textos que o professor considera como válidos.

Há que considerarmos que o novo aluno, inserido nos meios tecnológicos e em uma sociedade com novos valores, necessita de uma escola também nova, que dê conta dessa nova dimensão. Assim, essa mudança social exige da escola uma tomada de posição.

Referências

- ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- AGUIAR, V.T. *Leitura e conhecimento*. *Rev. Signo*, v.32, n.53, p.26-41, 2007
- AGUIAR, V.T. Leituras para o 1º Grau: Critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, R. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987, p.85-126.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1978
- BORDINI, M.G.; AGUIAR, V.T. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

- CARROLL, L. *As aventuras de Alice: no país das maravilhas. Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. São Paulo: Summus, 1985.
- CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CORSO, M. O admirável mundo *teen*. In: *O ADOLESCENTE E A MODERNIDADE*. CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. Rio de Janeiro, 1999. *Anais...* São Paulo: Freud, 2000.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, M.A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 2003.
- GARRIDO, F. *El buen lector, se hace, no nace*: reflexiones sobre lectura y formación de lectores. Colonia del Vale, México: Planeta Mexicana, 2000.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R.(Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.51-62.
- LEAHY-DIOS, C. A educação literária de jovens leitores: motivos e desmotivos. In: RETTENMAIER, M.; ROSING, T.M.K. (Org.). *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p.33-56.
- LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fintes, 2009.
- MAFRA, N.D.F. *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel, 2003.
- MEIER, B. *Uma geração descobre o prazer de ler. Veja*, v.44, n.20, p.98-108, 2011.
- PADRINO, J.G. Vuele la polémica: existe la literatura... juvenil?. In: ROSING, T.M.K. *Questões de literatura para jovens*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- SODRÉ, M. *Best-Seller: a literatura de mercado*. Rio de Janeiro: Ática, 1985.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- ZILBERMAN, R. (Org.). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- ZILBERMAN, R. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

